



EMCAPA

Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária
Caixa Postal - 125
29.154 - Campo Grande - Cariacica (ES)
Vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura

ISSN

PESQUISA EM ANDAMENTO

Nº 03 agosto/1982 p.1/3

AVALIAÇÃO DE NÍVEIS PROTEICOS E ENERGÉTICOS NA ALIMENTAÇÃO DE SUÍNOS. II. SEQUÊNCIAS DE NÍVEIS PROTEICOS

Antonio Ilson Gomes de Oliveira¹
José Rodrigues Teixeira Filho²

Dentre os nutrientes estudados na alimentação de suínos, a proteína tem sido objeto de interesse mais freqüente, haja visto ser um dos que mais influencia os custos das rações.

Outro problema bastante sentido pelos produtores, no aspecto de manejo, é a troca necessária de rações aos 50 ou 60 kg de peso vivo. Tal fato é explicado pelas diferentes exigências nutricionais nestas duas fases.

Trabalhos de pesquisa desenvolvidos em outros países e, também, no Brasil, têm mostrado a possibilidade do uso de rações com níveis únicos de proteína bruta nestas duas fases.

Este experimento foi conduzido como parte de um projeto que objetiva determinar o melhor nível de nutrientes para suínos criados nas condições tropicais do Espírito Santo (temperaturas médias anuais superiores a 22°C).

Foram utilizados 40 (quarenta) leitões "three-cross" Duroc X Large White x Landrace, 20 machos e 20 fêmeas, distribuídos, com 33,9 kg de peso médio inicial, para 20 baias (1 macho e 1 fêmea por baia), em um delineamento de blocos casualizados com cinco repetições e os seguintes quatro tratamentos:

A - 18% de proteína bruta na recria e 16% na terminação

¹Ex-pesquisador EMBRAPA/EMCAPA, atual Professor Assistente do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL)-MG.

²Professor Assistente do Centro Agropecuário da Universidade Federal do Espírito Santo (CAUFES).

B - 16% na recria e 14% na terminação

C - 14% na recria e 12% na terminação

D - 14% durante todo o período.

As rações foram isocalóricas e balanceadas de acordo com os dados da tabela 1, sendo trocadas quando os animais atingiam 60 kg de P.V.

Os resultados (tabela 2) mostram que, embora os leitões tenham tido um maior ganho de peso, quando submetidos a dietas de nível proteico recomendado pelas pesquisas de outros países (tratamento B), a eficiência alimentar deste tratamento foi igual à dos demais, devido a um maior consumo de ração por aqueles animais. Uma análise de relação lucro/despesa mostrou que o retorno por cruzeiro investido em alimentação não foi alterado.

Embora novas pesquisas devam ser desenvolvidas neste sentido, acredita-se que, em função de um melhor manejo, seja possível o uso de nível proteico único em crescimento-terminação.

TABELA 1 - Composição percentual das rações experimentais

Nível de Proteína Bruta %	18	16	14	12
Fubã de milho	70,50	76,00	81,60	87,10
Farelo de soja	25,30	19,70	14,00	8,50
Farelo de trigo	2,00	2,00	2,00	2,00
Fosfato bicálcico	1,10	1,20	1,30	1,30
Calcário	0,40	0,40	0,40	0,40
Premix	0,20	0,20	0,20	0,20
Sal	0,50	0,50	0,50	0,50

TABELA 2 - Dados de desempenho segundo os tratamentos*

Tratamentos	A	B	C	D	C.V.(%)
Ganho de peso(g)	714,4 ab	766,2 a	693,8 ab	662,6 b	7,72
Consumo de ração(kg)	2,55ab	2,61a	2,51ab	2,31 b	6,78
Consumo de proteína(g)	422,4 a	382,8 b	318,8 c	326,6 c	6,13
Conversão alimentar(kg)	3,56a	3,41a	3,64a	3,52a	7,46
Eficiência da proteína(g)	1,72 b	2,01a	2,20a	2,03a	7,67
Relação lucro/despesa**	0,49a	0,51a	0,49a	0,44a	21,89

*Médias na mesma linha com diferentes letras diferem significativamente (P < 0,05)

**Lucro por cruzeiro investido em alimentação